

■ **HÁ 55 NOVAS DROGAS NO “VELHO CONTINENTE”**

73 mil toxicodependentes/ano iniciam tratamento na Europa

Todos os anos, 73 mil toxicodependentes iniciam tratamento, na Europa, onde a produção de drogas sintéticas é cada vez maior e as apreensões de cocaína bateram recordes em 2018. Observatório Europeu chama a atenção para o aumento de problemas de saúde relacionados com o consumo e para a utilização da tecnologia na prevenção

Carlos Ferro / *

Recriar ambientes virtuais de consumo de droga de forma a ensinar os consumidores a combater a vontade e usar o sistema de geolocalização para ajudar quem consome a encontrar postos de troca de seringas. Estas são duas propostas do Observatório Europeu da Droga e Toxicod dependência (EMCDDA), apresentadas quinta-feira e que podem ajudar os serviços de saúde a lidar com os problemas relacionados com a droga.

No seu Relatório Europeu sobre Drogas 2019: Tendências e Evoluções, divulgado quinta-feira passada, em Bruxelas, o EMCDDA chama também a atenção para o aumento do tráfico e o consumo de cocaína no continente europeu, tal como o facto de o consumo de heroína estar a provocar uma subida do número de pessoas a necessitar de tratamento.

Outro dos pontos que merece realce no documento é o cada vez maior número de novas substâncias psicoativas (NSP) que o Observatório tem detectado: no ano passado, foram 55, o que eleva para 730 as NSP que esta entidade monitoriza.

São ainda divulgadas estatísticas que indicam a apreensão de mais de um milhão de drogas ilícitas anualmente, que 96 milhões de adultos (dos 15 aos 64 anos), no conjunto dos países da União Europeia, mais a Turquia e a Noruega, já experimentaram uma droga ilegal ao longo da vida e que cerca de 1,2 milhões de pessoas recebem anualmente tratamento por problemas relacionados com o consumo de estupefacientes.

Citado no documento, o Comissário Europeu responsável pela Migração, Assuntos Interno e Cidadania, Dimitris Avramopoulos, refere que este documento “mostra a natureza complexa do fenómeno da droga na Europa. As drogas continuam a ser uma ameaça multifacetada e em constante evolução.”

O tráfico e consumo de cocaína continuam a ser um dos grandes problemas nesta área a nível europeu e, apesar de as apreensões continuarem a subir - em 2017, foram reportadas 104 mil apreensões, correspondendo a 140,4 toneladas) quando em 2016 tinham sido 98 mil (70,9 toneladas) - esta droga está cada vez mais disponível e em melhor qualidade.

A justificar a oferta estão

À subida do consumo - as estimativas apontam para 2,6 milhões de jovens adultos (15-34 anos) - está associado o aumento de pessoas a necessitar de tratamento, com os dados mais recentes a indicarem uma média anual de 73 mil toxicodependentes a iniciarem tratamento por ano. De acordo com o relatório, o opiáceo mais comum no mercado Europeu ainda é a heroína. A prová-lo está o facto de as autoridades policiais europeias terem apreendido 5,4 toneladas deste estupefaciente em 2017 - a que se devem juntar as 17,4 toneladas detectadas na Turquia

as vendas e compras através das redes sociais, na darknet e as novas tendências de mercado, com a implementação de call centers que dispõem de estafetas para entregar rapidamente a droga encomendada por telefone.

À subida do consumo - as estimativas apontam para 2,6 milhões de jovens adultos (15-34 anos) - está associado o aumento de pessoas a necessitar de tratamento, com os dados mais recentes a indicarem uma média anual de 73 mil toxicodependentes a iniciarem tratamento por ano.

De acordo com o relatório, o opiáceo mais comum no mercado Europeu ainda é a heroína. A prová-lo está o facto de as autoridades policiais europeias terem apreendido 5,4 toneladas deste estupe-

faciente em 2017 - a que se devem juntar as 17,4 toneladas detectadas na Turquia.

Entre os alertas deixados no documento está a preocupação com o possível aumento do consumo de opiáceos - já uma epidemia nos EUA e Canadá - em particular dos sintéticos como o fentanilo (opioide que é utilizado como uma medicação para a dor) e os seus derivados. É, todavia, frisado que na Europa esta questão ainda não é de molde a preocupar as autoridades. Apesar de os derivados de fentanilo serem a maioria dos 49 novos opiáceos sintéticos monitorizados pelo EMCDDA.

Os desafios da canábis

No ano passado, manteve-se a liderança da canábis

como a droga mais consumida na Europa, produto que também está a obrigar os países a uma adaptação ao mercado do tráfico.

“A criação de mercados legais de canábis para consumo recreativo fora da UE está a impulsionar a inovação em termos de desenvolvimento do produto (por exemplo e-liquidos, produtos comestíveis e concentrados), alguns dos quais começam a surgir no mercado europeu, onde colocam novos desafios em matéria de detecção e controlo de drogas”, sublinha-se no Relatório Europeu sobre Drogas 2019: Tendências e Evoluções.

Documento onde se reconhece o papel cada vez mais preponderante da Europa na produção de drogas sintéticas, nomeadamente de metanfetaminas, na República Checa e países vizinhos.

Aplicações móveis

O relatório do Observatório Europeu da Droga e da Toxicod dependência defende ainda o recurso às novas tecnologias, como forma de ajudar os consumidores. Defende o documento que as aplicações móveis podem ser usadas com o objectivo de divulgar informação e de ajuda à recu-

peração (com aplicações de auto-ajuda). Um outro exemplo apresentado é a utilização da geolocalização, para ajudar os consumidores de drogas injectáveis a encontrar pontos de troca de seringas.

É ainda explicado que está a ser estudado “o uso de tecnologias de realidade virtual (óculos de realidade virtual) para recriar ambientes relacionados com o consumo de drogas, com vista a induzir o desejo de consumir e ensinar os doentes a combater esse desejo.”

A aposta nas novas tecnologias, ainda deficiente, tem como “alvo” os jovens, reconhece o Observatório: “um grande número de aplicações de saúde móvel desenvolvidas na Europa centra-se na divulgação de informações sobre a redução de danos dirigidas aos jovens utilizadores, em particular aos que frequentam festas. Embora actualmente estejam disponíveis muitas aplicações de saúde móvel, um estudo recente do EMCDDA concluiu que muitas têm padrões de qualidade deficiente e suscitam preocupações relativamente à protecção de dados e à avaliação”, concluiu.

* Diário de Notícias

É a entrega “mais rápida em qualquer lugar, a qualquer hora”, como lhe chama o Observatório Europeu da Droga e Toxicoddependência, num documento de Janeiro, em que analisa as “Mudanças recentes no mercado europeu de cocaína”.

E essas alterações passam pela possibilidade de um consumidor de cocaína - que tem na Europa o seu segundo mercado depois dos EUA - fazer a encomenda por telefone e indicar o local onde quer que lhe seja entregue. São centrais telefónicas, segundo o Observatório, com sede nos Balcãs e em Espanha e ligações a outros países onde estão os correios que transportam e entregam a droga. Ou enviam os estupefacientes como encomenda postal.

O relatório adianta que as autoridades francesas também já detectaram serviços destes em Paris e no Reino Unido, onde se estima que existam mais de mil linhas telefónicas para este tipo de serviço.

Redes sociais como Twitter, Facebook, WhatsApp e Telegram também são utilizadas para os contactos, o que torna as investigações mais difíceis. Dificuldades agravadas com

o aumento da utilização pelas redes criminosas da Dark Web - redes encriptadas a que só se acede com software e configurações específicas.

Mais redes, mais violência

Os elevados proveitos do tráfico de cocaína - a produção tem batido recordes nos últimos anos, principalmente na Colômbia - faz que existam cada vez mais redes criminosas a entrar no negócio.

No documento desta agência europeia reconhece-se que há cada vez mais redes organizadas envolvidas - incluindo as famílias da máfia italiana, Ndrangheta e a Camorra. Estas têm até uma especificidade: criaram as próprias redes de tráfico na América do Sul. Há, porém, grupos ingleses, holandeses, irlandeses e espanhóis, que procuram criar as suas rotas indo comprar a cocaína aos produtores e depois transportam-na para a Europa, onde aproveitam a livre circulação de pessoas e bens para disseminar a droga de um país para o outro. Uma concorrência que está a provocar um aumento da violência, pois o mercado, segundo o relatório, está altamente competitivo.

Máfias usam call centers para venda de estupefacientes



Khat, a droga do Daesh, é para mascar



David Mandim / *

Já tinham acontecido apreensões em Portugal de khat, a droga cuja substância activa é a catinona e é tradicionalmente consumida em África e na Península Arábica, mas têm sido quantidades pequenas, como oito quilos. Agora a Polícia Judiciária do Porto fez a maior apreensão, no país, da droga que os radicais do Estado Islâmico usavam muito. Foram 255 quilos que estavam dissimulados numa encomenda como chá verde não fermentado. Dois homens foram detidos, um

deles, estrangeiro, ficou em prisão preventiva.

Em Portugal, não há registos de grande consumo desta droga, que é cultivada em regiões montanhosas e tem a aparência de folhas verdes. O seu poder alucinogénico é considerável, pois transmite uma sensação de euforia. Daí o recurso frequente dos militantes do Daesh a esta droga, a que se associava o consumo de captagon, outra droga mais potente, uma anfetamina que provoca euforia e insensibilidade à dor e que pode ser injectada.

No Iémen, país a passar por uma grande crise humanitária, o consumo de khat é tradicional e assume hoje contornos preocupantes. Serve de escape à miséria quotidiana. Na Europa, são os países do Norte onde mais se consome. Por um lado, têm muitos migrantes oriundos das regiões de produção que mantêm o hábito de mascar as folhas de khat. Por outro, há grupos de consumidores que estão sempre dispostos às novidades e, com o poder de compra dos nórdicos, o consumo alargou-se. Os Estados Unidos são o outro

grande mercado a Ocidente.

Esta apreensão portuguesa começou em Março passado, quando os serviços da Autoridade Tributária detectaram na alfândega do Aeroporto Francisco Sá Carneiro uma encomenda originária da Tanzânia que levantou suspeitas. A Polícia Judiciária (PJ) foi alertada e iniciou a investigação, tendo verificado que o chá verde era na verdade khat.

A escolha de Portugal como país de trânsito é habitual. Existem muitos voos directos dos Países de Língua Portuguesa,

o que atrai as redes traficantes a usarem este circuito. A droga será certamente valiosa, mas a PJ não adianta valores. Tendo em conta o percurso, o número de intermediários envolvidos e o destino, países onde há grande poder de compra, é seguro que gera margens de lucro confortáveis.

No Iémen, país a passar por uma grande crise humanitária, o consumo de khat é tradicional e assume hoje contornos preocupantes. Serve de escape à miséria quotidiana. Na Europa, são os países do Norte onde mais se consome. Por um lado, têm muitos migrantes oriundos das regiões de produção que mantêm o hábito de mascar as folhas de khat

O KHAT

O khat é definido como uma droga que pode produzir dependência psicológica pela Organização Mundial de Saúde, desde 1980. É uma planta cultivada na África Oriental, em especial no chamado Corno de África (Djibouti, Etiópia, Eritreia e Somália) e na península arábica, que pode ser mascarada, fumada ou bebida como chá. Nos países africanos, o mais comum é ser mascarada. A planta contém catinona, o seu princípio activo, que é um estimulante alucinogénico que leva à excitação e euforia, quimicamente similar à efedrina e outras anfetaminas.

Há séculos que, em países africanos e árabes, o khat é mascarado e é uma atitude socialmente

aceite. Na Somália, é mesmo uma parte considerável da economia com a existência de vários mercados de khat. Alguns deles já foram alvo de ataques à bomba por grupos como Al-Shabab. A própria Al-Qaeda chegou a proibir o consumo, por considerar ser degradante, atitude que o Daesh não seguiu. Os homens eram os principais consumidores, existindo mesmo rituais para o efeito. Mais recentemente, a migração em massa de pessoas do Corno de África tem estado associada à propagação do consumo de khat nos países vizinhos, a Europa e o resto do mundo. Os padrões ocidentais levam a consumos mais excessivos.

Os efeitos são sobretudo a nível da saúde mental. Embora o consumo moderado não seja visto com um grande perigo, há efeitos adversos graves, como psicoses e comportamentos agressivos, mas falta mais estudo sobre as suas consequências para a saúde. Embora provoque uma dependência física menos acentuada que outras drogas, muitas vezes consumidores chegam a consumo compulsivo, idênticos aos que acontecem com outras substâncias psicoativas.

Em Portugal, como refere a PJ, não há grande consumo. Apesar de todas as drogas serem relevantes, as maiores preocupações das autoridades centram-se nas que são modificadas quimicamente como as anfetaminas. Muitas vezes são apreendidas substâncias que ainda é necessário identificá-las. Basta uma alteração molecular para a tornar diferente e nem ser proibida, isto é não estar abrangida pelas tabelas internacionais. Quando isso acontece não há crime. Portanto, a luta é constante na atualização de substâncias proibidas. Para mais, tudo o que é novo gera adesão e hoje, explicou ao DN fonte ligada à investigação criminal, “as redes sociais são plataformas de oferta que provocam um maior interesse em novas substâncias”.

* Diário de Notícias